

QUEM NÃO APRENDE DEVE SER MEDICADO? REFLEXÕES SOBRE O TDAH NA EDUCAÇÃO

WHO DO NOT LEARN NEED TO BE MEDICATED? REFLECTIONS ON ADHD EDUCATION

¹OLIVEIRA, M.; ²OLIVEIRA, F. S.

^{1e2}Curso de Psicologia Clínica - Faculdades Integradas de Ourinhos - FIO/FEMM

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo através de estudos bibliográficos levantar algumas reflexões a respeito do transtorno do déficit de atenção/hiperatividade (TDAH). Sintomas percebidos na escola e considerado, muitas vezes, como uma patologia que interfere na aprendizagem, sendo um das hipóteses aceitas e apresentadas para justificar o fracasso escolar. Diante das dificuldades encontradas na escola, na maioria das vezes, os alunos são encaminhados para avaliações com profissionais especializados, e após serem diagnosticadas com o TDAH, ocorre a medicalização destas crianças. Diante deste contexto, autores como, Moysés e Collares (1994) trazem importantes questionamentos, destacando que os procedimentos ocasionados por um diagnóstico mal definido podem trazer consequências negativas para criança interferindo em suas questões emocionais e conseqüentemente em seu desempenho escolar. Diante das reflexões realizadas, conclui-se sobre a importância e necessidade de se realizar uma análise crítica a respeito dos diagnósticos, verificando se realmente a criança necessita ser medicada por apresentar alguma dificuldade de aprendizagem ou um comportamento diferente dos demais alunos na escola. Destacando a necessidade de avaliar todo o contexto em que a criança está inserida, antes de apresentar um diagnóstico definitivo sobre o aluno.

Palavras-chave: TDAH, Medicalização, Fracasso escolar.

ABSTRACT

This study aims through bibliographic studies raise some thoughts about the deficit attention / hyperactivity disorder (ADHD). Symptoms perceived in school and considered, often as a pathology that interfere on learning, being one of the hypotheses accepted and presented to justify school failure. Given the difficulties found at school, in most cases, students are referred for evaluations with specialized professionals, and after being diagnosed with ADHD, occurs the medicalization of these children. Given this context, authors such as, Moysés and Collares (1994) provide important questions, noting that the procedures caused by a poorly defined diagnosis can bring negative consequences for child, interfering with your emotional issues and therefore in their school performance. Given the considerations made, it is concluded about the importance and necessity of performing a critical analysis about the diagnosis, making sure the child really needs to be medicated for having a learning disability or different behavior from other students at school. Emphasizing the need to evaluate the entire context which the child is inserted, before presenting a definitive diagnosis on the student.

Keywords: ADHD, Medicalization, School failure.

INTRODUÇÃO

O presente estudo propõe uma reflexão a respeito do crescente número de diagnóstico de TDAH que surge como queixa inicial no contexto escolar. A partir de levantamentos bibliográficos pretende-se realizar questionamentos visando refletir sobre os sintomas que são detectados na escola para que ocorra os

encaminhamentos aos especialistas, as possíveis consequências destes diagnósticos para a criança e qual o papel da escola para evitar o fracasso escolar. Diante deste cenário surge a indagação: será que toda criança que apresenta dificuldade na escola apresenta alguma patologia e necessita ser medicada?

No primeiro momento levantou-se questões sobre os sintomas do TDAH que são observados na escola, que muitas vezes não compreendendo a dificuldade e o comportamento do aluno, acabam encaminhando-o a um especialista, na expectativa de que o diagnóstico justifique o comportamento e mal desempenho do aluno. No segundo momento apresentou-se o parecer de diferentes autores sobre as possíveis consequências para o sujeito. Em seguida foi abordado sobre a medicalização do fracasso escolar, em que as autoras Moysés e Collares (1985) problematizam ser uma tentativa da escola e da sociedade eximirem-se de suas responsabilidades em relação ao ensino.

Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica com o objetivo de levantar reflexões sobre os diagnósticos realizados de maneira superficial, em que enfatiza as dificuldades detectadas na criança em se apropriarem do conhecimento, sem avaliar todo o sistema educacional e social em que o aluno está inserido.

SINTOMAS DO TDAH NA ESCOLA

Atualmente, no ambiente escolar é comum encontrar classes heterogêneas, em que há alunos que aprendem com facilidade, outros apresentam dificuldades e necessitam de maior atenção do professor. Há também nestas salas uma diversidade de comportamentos apresentados pelos alunos, no qual se destacam os comportamentos que excedem o esperado e que são considerados como hiperativos. Diante destas constatações, a comunidade escolar acredita que estas questões do comportamento tragam consequências na aprendizagem e que assim, o aluno pode ter o desempenho abaixo do esperado em relação ao conhecimento. Desta forma busca-se respostas que justifiquem as dificuldades de aprendizagem.

Ao se refletir sobre os problemas que surgem na escola e que interferem na aprendizagem, Pereira (2010) esclarece como se deu a busca por respostas para a não aprendizagem e que esta não é uma nova preocupação, mas que faz parte de algo histórico que ainda se faz presente nos dias atuais em que se tenta encontrar no biológico e no comportamento manifesto e aparente as respostas para a

dificuldade em aprender. É justamente no espaço escolar que estas questões surgem e com isto entram em cena novas estratégias para tentar superar os problemas encontrados, sendo a medicalização uma delas.

Moysés e Collares (1992, p. 43) reforçam a discussão apresentando que é somente quando as crianças entram na escola que se percebe os chamados problemas de comportamento que alegam acarretar dificuldades na aprendizagem. Estas questões não são percebidas pelos familiares ou consideradas como problemas. Em seguida, as dificuldades encontradas no contexto escolar passam a ser identificados pela instituição como um problema que precisa ser diagnosticado e tratado.

Benedetti e Urt (2008, p. 145) expõem que na atualidade há uma ampla gama de atrativos que competem com a escola, necessitando que os professores sejam dinâmicos para despertar a atenção e interesse de seus alunos, buscando novas estratégias para enfrentarem estas dificuldades. As autoras também reforçam que “classificar os alunos como portadores de distúrbios parece ser uma postura tranquilizadora para a escola, que pode se ver como eficiente e situar a ineficiência longe de si, no aluno”.

Rubinstein (2005) ao se referir às questões escolares e os discursos que proferidos em relação ao fracasso escolar, salienta que estes ainda se fazem muito presentes, em que se busca encontrar uma forma de amenizar os danos sentidos pela escola, por muitas vezes, os objetivos da aprendizagem não serem alcançados. Parece ser menos impactante se a causa de tudo isto for encontrada através de uma patologia.

Ross (1979, p. 139) faz uma crítica em relação à aprendizagem dizendo que “o problema da criança hiperativa é problema somente porque a sociedade recompensa atividade controlada e o permanecer sentados por períodos longos”. Assim o autor destaca que há uma cobrança da sociedade em relação ao comportamento da criança, em que se esperam determinadas condutas consideradas como corretas.

Na opinião de Untoiglich (2006, p. 65) em relação à dificuldade da criança se comportar e de se concentrar durante as atividades, a autora acredita que as crianças “expressam através desses comportamentos diferentes conflitos”. Desse modo, é necessário estar atento aos conteúdos individuais trazidos pelas crianças, pois, elas podem estar enfrentando situações difíceis que podem influenciar no

comportamento, acarretando distrações e uma postura de como se estivesse distante a tudo o que esteja ocorrendo em sala de aula.

Pereira (2009, p. 18) destaca que:

A escola é também o lugar no qual os sintomas do TDAH se tornam mais explícitos. A criança deve obedecer as normas compartilhadas por outras crianças e sua atenção é requerida de maneira mais sistemática e por períodos mais longos. Encontramos no manual a afirmação de que é ao ingressar na escola que as crianças são finalmente identificadas como portadoras do transtorno.

O parecer da autora complementa a citação anterior que mostra que quando a criança ingressa na escola, não está acostumada com as normas e os comportamentos exigidos por aquela instituição. Diante do contexto, ela terá que se adaptar ao novo ambiente. Se apenas for analisado o comportamento individual da criança, sem conhecer toda sua história, é possível que ela receba um diagnóstico de TDAH. É necessário um tempo para que ocorra a adaptação da criança, necessitando que haja uma metodologia adequada utilizada pelo professor, que desperte no aluno o desejo em permanecer na sala de aula, sentindo-se motivado a frequentar o ambiente escolar.

Costa (2006) esclarece que a grande preocupação da escola é tentar manter a disciplina, a ordem para que se efetive seu papel que é o conhecimento. Mas se percebe que tem ocorrido muitas mudanças nos dias atuais e que a escola não tem conseguido acompanhar os avanços tecnológicos e acaba não despertando o desejo e interesse do aluno pela aprendizagem.

CONSEQUÊNCIAS DO DIAGNÓSTICO DO TDAH

A escola, na tentativa de atingir seus objetivos em relação ao domínio dos conteúdos e aprendizagem, busca maneiras de evitar o fracasso escolar, ou seja, procura encontrar maneiras de que a criança se aproprie dos conteúdos trabalhados na escola e se a criança não consegue assimilar e aprender o que foi proposto acarretará em danos acadêmicos, ocorrendo conseqüentemente a reprovação.

Moysés e Collares (1994) apresentam que o aumento de patologias que se referem ao fracasso escolar, pode ser consequência dos diagnósticos produzidos de forma insatisfatória e sem análise criteriosa, levando à rotulação de crianças

indevidamente, acarretando consequências em seu estado emocional e desempenho escolar.

Ao se referirem à patologia, as autoras Eidt e Tuleski (2010, p. 128) criticam que:

A patologia parece estabelecer-se nas relações sociais pautadas pelo imediatismo, pela rapidez. Ao invés de se buscarem as causas, tratam-se os sintomas. O TDAH é descrito como dificuldades para processar e mediar adequadamente a enorme quantidade de estímulos e impulsos que atravessam o campo da percepção e da atenção dos indivíduos e dos grupos.

Analisando a questão apresentada pela autora, percebe-se que há cada vez mais uma cobrança do sujeito para que se adeque às exigências do cotidiano. Se ele não consegue se adaptar ao que é esperado pode ser considerada uma pessoa com problema, e facilmente receber um diagnóstico. (EIDT; TULESKI, 2010).

A respeito dos diagnósticos do TDAH, Mocelin (2008, p. 52) destaca:

Os laudos, não raro, desconsideram o lugar no qual o sintoma está sendo gerado. São relatórios que não estabelecem pontes com o cotidiano escolar e, portanto, isentam o fazer pedagógico. Ao desconsiderar esse processo de produção do sintoma, mostra uma concepção de sujeito tratado como objeto. E as diferenças são deixadas de lado, e o processo em que foram se constituindo também, ou seja, o processo de subjetivação que se engendra nas práticas vivenciadas.

A autora propõe ainda que se avalie também o cotidiano escolar, o processo pedagógico utilizado nesta instituição. Ressalta sobre a importância de respeitar a constituição do sujeito, mostrando que existe um processo de subjetivação no qual ocorre a partir de sua vivência, de suas relações e isto não deve ser ignorado ao ser diagnosticado. (MOCELIN, 2008).

As autoras Legnani e Almeida (2008) concluem que as consequências trazidas sobre a questão de utilizar a medicalização de forma inadequada, pode transmitir a mensagem equivocada de que tudo pode ser resolvido com a medicalização. Isto pode gerar consequências negativas para o sujeito, tornando-o com dificuldade para resolver suas questões emocionais e no enfrentamento de seus problemas, tendo ressonâncias em toda sua vida.

Complementando, Untoiglich (2006, p. 64-65) confirma sobre os prejuízos trazidos às crianças devido ao mau desempenho escolar:

Sabemos que os problemas de aprendizagem costumam ser motivos de consulta muito frequentes e que complicam a vida da criança, enquanto é apontada como fracassada, ali onde é exposta ao olhar social. “Ele não presta atenção na aula”, aparece como uma queixa reiterada dos adultos, que englobam com essa frase grande parte das dificuldades escolares.

Diante deste apontamento, a autora leva à reflexão sobre os resultados destes discursos que circulam na sociedade, havendo uma cobrança da atenção e do bom desempenho escolar. Apenas enfatizar os pontos negativos do sujeito pode levá-lo a se desmotivar ainda mais, resultando na criança uma atitude de conformismo e aceitando a situação de fracasso, não buscando superar suas dificuldades encontradas no momento. (UNTOIGLICH, 2006).

Costa (2006) ressalta também que as escolas são bastante incentivadas pelos meios de comunicação a observarem as crianças que se enquadram nas características elencadas no DSM e a realizarem os encaminhamentos destes alunos para especialistas. Segundo a autora há um sofrimento vivenciado pelas crianças após receberem um diagnóstico de alguma patologia, que acreditam que algo errado está acontecendo com este sujeito e que necessita ser medicado.

Ainda confirmando sobre as consequências do diagnóstico por serem realizados muitas vezes de forma acrítica, Meira (2009, p. 2) reflete:

Tanto a descrição do transtorno quanto o tipo de sintomas que sustentam seu diagnóstico revelam a falta de uma análise crítica sobre as relações entre os fenômenos que ocorrem na educação e o contexto histórico-social que a determina. Sem essa reflexão o resultado é inevitável: muitas crianças absolutamente normais podem iniciar uma carreira de portadores de dificuldade de aprendizagem.

Para a autora dar um diagnóstico, sem antes realizar uma análise de todos os fatores que podem interferir na vida do sujeito, pode trazer consequências na vida acadêmica da criança, levando indevidamente um histórico de alguém considerada com alguma patologia e com defasagem acadêmica, sem realmente ser confirmada tal questão. (MEIRA, 2009).

MEDICALIZAÇÃO DO FRACASSO ESCOLAR

Reis e Santana (2010, p. 192-193) apresentam que “o excesso de diagnósticos do TDAH realizados atualmente também vem causando impasses, visto que parece haver a existência de uma epidemia de TDAH e um excesso de prescrição de medicamentos para essas crianças”.

Ao se referir aos problemas de insucesso escolar, Pereira (2010, p. 25) destaca que este não parece ser um problema enfrentado apenas nos dias atuais e de certa forma, o discurso parece não ser diferente, em que se delega ao sujeito a responsabilidade sobre seu bom desempenho acadêmico, assim a escola tenta se eximir de sua parcela de culpa em relação ao ensino.

A questão do fracasso escolar é criticada por Collares (1992, p. 28) que apresenta que é uma questão enfrentada há muito tempo, “porém, é um mito, muito bem engendrado, o fato de não conseguirmos dar conta dele”. A autora esclarece que é algo que necessita ser analisado com atenção. E complementa dizendo que neste sentido “a medicalização do fracasso escolar passa então a exercer um papel fortemente para a escola e para o sistema”. (COLLARES, 1992, p. 27). É uma crítica que remete a questionar as situações enfrentadas pelas crianças no cenário escolar, em que a autora deixa explícito sobre influência da medicalização tão divulgava nos dias atuais como uma tentativa de solucionar o mau rendimento do aluno. Nesta perspectiva, considera-se que o bom ou mau desempenho do aluno depende somente de suas condições de saúde, como se houvesse uma garantia de que o sistema educacional atendesse o aluno em todas as suas necessidades.

Zucoloto (2007) pontua que entre as explicações para justificar o fracasso escolar, as que sobressaem são as que se referem às dificuldades de aprendizagem e de comportamento. A autora reforça o conceito presenciado no cotidiano escolar de que o problema do mau desempenho do aluno ou seu comportamento desviante é devido a alguma patologia. Percebe-se que raramente se questiona a atuação do professor, bem como sua metodologia pedagógica utilizada e seu relacionamento com os alunos, ou sobre as intervenções da escola frente às necessidades dos alunos.

Moysés (2008, p. 3) continua o mesmo raciocínio ao refletir sobre o fracasso escolar, destacando que a “normatização da vida tem por corolário a transformação dos problemas da vida em doenças, em distúrbios”. Neste sentido a autora coloca que muito se exige do aluno e deseja que ele mostre seu desempenho, mas as defasagens escolares podem ser também devido ao problema de ensino.

Zucoloto (2007, p. 138) em relação a ocorrente patologização presenciada no contexto escolar, acrescenta que “como decorrência desta concepção, é o indivíduo o maior responsável por sua condição de vida e destino, as circunstâncias sociais e

políticas teriam influência mínima”. Deste modo, o sistema político e social exime-se de suas responsabilidades.

Em relação à medicalização, as autoras Eidt e Tuleski (2010, p. 139) refletem que:

Contata-se em nossa sociedade, ao mesmo tempo em que se produzem e reproduzem mercadorias visando ao acúmulo de capital, produzem-se e reproduzem patologias com o mesmo objetivo. Assim, o mercado farmacêutico e terapêutico floresce, assim como a indústria de manuais dirigidos a pais, professores e profissionais, sem a devida reflexão sobre as consequências da medicalização para os indivíduos e para a sociedade.

Do ponto de vista das autoras é necessário que haja uma reflexão mais profunda a respeito das patologias e sobre a medicalização, pois tudo isto traz grandes consequências que, na maioria das vezes, não são questionadas. Isto faz com que os pais, profissionais e sociedade em geral acatem as informações que circulam nos manuais, como sendo essenciais e que devem ser seguidas sem contradições. É importante que todo diagnóstico ou materiais publicados a respeito de alguma patologia, em especial as que surgem no âmbito escolar, sejam analisadas com maior atenção.

As palavras das autoras Eidt e Tuleski, confirmam as percepções de Moysés e Collares (1985, p. 8) em que esclarecem que “o fracasso escolar de cada criança é o resultado final da interação de grande número de variáveis que determinam o aproveitamento escolar”. Contudo, as autoras destacam que não somente a criança que deve ser avaliada, mas é importante investigar o sistema educacional, pois ele pode estar contribuindo para o aumento da defasagem acadêmica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos apontamentos e questionamentos lançados pelos autores, pode-se concluir que existe uma série de fatores que envolvem a aprendizagem. Portanto, não se deve delegar somente à criança a responsabilidade em aprender. Há todo um contexto em que a criança está inserida que deve ser analisado com atenção, sem deixar de considerar a singularidade e necessidade específica do sujeito. Deste modo deve-se atentar que existem muitas questões que podem estar interferindo no processo de aprendizagem. Assim, não faz sentido avaliar a criança individualmente e excluída de seu contexto social. É importante questionar se a criança realmente

necessita ser medicada para superar sua dificuldade de aprendizagem e ter maior controle sobre seu comportamento.

REFERÊNCIAS

BENEDETTI, I.; URT, S. C. Escola, ética e cultura contemporânea: reflexões sobre a constituição do sujeito que “não aprende”. *Psicol. educ.* n. 27, 2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n27/v27a08.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2011.

COLLARES, C. A. L.; MOYSÉS, M. A. Educação e saúde? Educação x saúde? Educação e saúde! **Cadernos CEDES**, n. 15, p. 7-15. São Paulo: Cortez, 1985.

COLLARES, C. A. L. Ajudando a desmistificar o fracasso escolar. *Série idéias*. n. 6. São Paulo: FDE, 1992. p. 23- 28. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_06_p024-028_c.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2011.

COLLARES, C. A. L.; MOYSÉS, M. A. A. A transformação do espaço pedagógico em espaço clínico (a patologização da educação). *Série Idéias*. n. 23. São Paulo: FDE, 1994. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_23_p025-031_c.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2011.

COSTA, T. C. Crianças indóceis em sala de aula. Dissertação (Mestrado em Educação. Área de concentração: Estudos culturais em educação). Universidade Luterana do Brasil- ULBRA. Canoas, 2006. 131 f. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp117790.pdf>>. Acesso em: 18 jul. 2011.

EIDT, N. M.; TULESKI, S. C. Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade e psicologia histórico cultural. *Cadernos de pesquisa*. v. 40, n. 139, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v40n139/v40n139a07.pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2011.

LEITE, H. A. O desenvolvimento da atenção voluntária na compreensão da psicologia histórico cultural: uma contribuição para o estudo da desatenção e dos comportamentos hiperativos. 2010. 197 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia, área de concentração: Constituição do sujeito e historicidade. Universidade Estadual de Maringá. Disponível em: <<http://xa.yimg.com/kq/groups/25194687/1111495588/name/Hilusca+Alves+Leite+-+disserta%C3%A7%C3%A3o+vers%C3%A3o+final.pdf>>. Acesso em: 16 jul. 2011.

LEGNANI, V. N.; ALMEIDA, S. F. C. A construção diagnóstica de transtorno de déficit de atenção/hiperatividade. *Arquivos Brasileiros de psicologia*. v. 60, n. 1, 2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arp/v60n1/v60n1a02.pdf>>. Acesso em: 1 maio 2011.

MEIRA, M. E.M. A medicalização e a produção da exclusão na educação brasileira à luz da Psicologia Histórico-cultural. XV Encontro Nacional da ABRAPSO, Maceió. Nov. 2009. Disponível em: <http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/3.%20a%20>

medicaliza%C7%C3o%20e%20a%20produ%C7%C3o%20da%20exclus%C3o%20n
a%20educa%C7%C3o%20brasileira%20%C0%20luz%20da%20psicologia%20hist%
D3rico-cultural.pdf>. Acesso em 19 jul. 2011.

MOCELIN, M. Crianças com sinais de desatenção/hiperatividade: O imaginário abstraído da fluidez dos rótulos. 2008. Dissertação (Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação). Universidade Federal do Espírito Santo. Disponível em: <<http://www.ppge.ufes.br/dissertacoes>>. Acesso em: 30 jul. 2011.

MOYSÉS, M. A.; COLLARES, C. A. L. A história não contada dos distúrbios de aprendizagem. **Cadernos CEDES**, n. 28, p. 31-48, 1992.

MOYSÉS, M. A. A. A medicalização da educação infantil e no ensino fundamental e as políticas de formação docente: a medicalização do não-aprender-na-escola e a invenção da infância anormal. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 31. Caxambu-MG, 2008. Disponível em:
<http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/sessoes_especiais.htm>. Acesso: 03 jul. 2011.

MOYSÉS, M. A. A. A medicalização da educação infantil e no ensino fundamental e as políticas de formação docente: a medicalização do não-aprender-na-escola e a invenção da infância anormal. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 31, Caxambu-MG, 2008. Disponível em:
<http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/sessoes_especiais.htm>. Acesso: 03 jul. 2011.

PEREIRA, C. S. C. Conversas e controvérsias: uma análise da constituição do TDAH no cenário científico e educacional brasileiro. Dissertação de mestrado em História das ciências e da saúde. Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, 2009. 176 f. Disponível em:
<<http://www.fiocruz.br/ppghcs/media/dissertacaoclaricedesa.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2011.

PEREIRA, J. G. A crítica à medicalização da aprendizagem na produção acadêmica nacional. 2010. Dissertação (Mestrado Especialização em Saúde da criança e do adolescente). Universidade Estadual de Campinas. Campinas. Disponível em:
<<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000478257&fd=y>>. Acesso em: 19 jul. 2011.

REIS, G. V.; SANTANA, M. S. Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH): doença ou apenas rótulo. An. Scientcult. Paranaíba. v. 2, n. 1, 2010. Disponível em:
<<http://periodicos.uems.br/novo/index.php/anaispba/article/viewFile/253/185>>. Acesso em: 29 jul. 2011.

ROSS, A. O. **Aspectos psicológicos dos distúrbios de aprendizagem e dificuldades na leitura**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1979.

RUBINSTEIN, E. A presença da história na construção do estilo de aprendizagem. Estilos clin. v. 10, n. 18, 2005. São Paulo. Disponível em:

<<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/estic/v10n18/v10n18a09.pdf>>. Acesso em: 16 jul. 2011.

UNTOIGLICH, G. Consenso de especialistas da área da saúde sobre o chamado “transtorno por déficit de atenção com ou sem hiperatividade”. C. da APPOA, Porto Alegre, v. 13, n. 144, p. 63-68, mar. 2006. Disponível em: <<http://www.apoa.com.br/download/correio144.pdf>>. Acesso em: 16 jul. 2011.

ZUCOLOTO, P. C. S. V. O médico higienista na escola: as origens históricas da medicalização do fracasso escolar. Rev. bras. crescimento desenvol hum. v. 7, n. 1, 2007. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?pid=S0104-12822007000100014&script=sci_abstract>. Acesso em: 01 jul. 2011.